

DESTAQUES DO PORTAL A TARDE



Lúcio Távora / Ag. A TARDE / 28.12.2016

Anitta lança primeira música em inglês e revela parcerias
www.atarde.com.br/cultura

Concha Negra com Gandhi e Brown é adiado para o dia 17
http://atarde.com.br/cultura

www.atarde.com.br
71 3340-8991 (Cidadão Reporter)
71 99601-0020 (WhatsApp)

EDITORIAL Modernização necessária

A exemplo do que ocorre em inúmeras cidades brasileiras, Salvador enfrenta um sério problema de multiplicação do número de veículos circulando em suas vias e de falta de vagas para estacionamento em várias regiões da capital. Em boa parte delas o estacionamento passou a ser regulamentado pela gestão municipal, de forma a garantir o princípio da rotatividade em áreas disputadas e também com vistas a incrementar a arrecadação.

O bom funcionamento da chamada Zona Azul, no entanto, tem esbarrado em problemas provocados pelo uso de sistema ultrapassado de cartelas impressas, que abre brechas para a ocorrência de

uma série de irregularidades apontadas pelos usuários do serviço, como mostra a reportagem de capa da edição de hoje de A TARDE.

Para deixar o veículo na Zona Azul, o motorista precisa ter o cartão de esta-

Conceber uma gestão eficiente do sistema de Zona Azul é passo fundamental para que ele possa funcionar plenamente

cionamento, vendido em pontos fixos por guardadores de carro, que muitas vezes não são encontrados no local ou que tentam driblar o sistema para desviar recursos em benefício próprio. Além de comprometer a arrecadação do município, tal conduta resulta em prejuízos para o usuário, que se vê às voltas com multas e pontos na carteira de habilitação.

A questão exige uma nova postura da Prefeitura de Salvador em relação ao estacionamento regulamentado. Começando pela concretização da prometida reformulação do sistema, com substituição das cartelas de papel pela corbância digital, passando pela realização

de campanha educativa para orientar e esclarecer as dúvidas dos motoristas e proporcionando um esquema de fiscalização efetiva sobre o cumprimento das regras e a aplicação de multas, quando for o caso.

É preciso também coibir a ação irregular de guardadores, incluindo os chamados flanelinhas, pessoas que se oferecem para guardar os carros e que também atuam em áreas regulamentadas para estacionamento. Conceber uma gestão eficiente do sistema de Zona Azul é passo fundamental para que ele possa funcionar plenamente, em benefício de todos.

JAGUAR

**LA GRISE VA (depois de Felini)
PREÇO DO ARROZ SOBE 25%**



Temer o fim da Amazônia

Emiliano José
Jornalista e escritor
emilios@uol.com.br

Decididamente, perderam inteiramente a vergonha. Não há mais limite para a desfaçatez. Não há qualquer tentativa de estabelecer quaisquer fronteiras entre o público e o privado. Quase faço a pergunta dos meus pais ou dos meus avós – aonde nós vamos parar? Aonde o governo resultante do golpe quer levar o Brasil? Em pouco tempo, muito pouco tempo, consegui nos levar a uma recessão profunda, a um desemprego assustador, e a adotar medidas que só penalizam a população trabalhadora, desestimulam a produção e favorecem ao capital financeiro, o principal beneficiário desse golpe.

Agora, assim como quem nada quer, e querendo muito, como se estivesse decidindo uma coisa banal, resolve atacar a Amazônia, entrar em suas matas, destruir suas reservas, acabar com a floresta, investir contra fauna, flora, e contra as populações indígenas. Não me venham dizer que a decisão atinge uma área pequena. Não é. O término da Renca – Reserva Nacional de Cobre e seus Associados – implica o desembarque de aventureiros numa área correspondente ao tamanho de países como a Dinamarca, maior do que a Suíça, ou do tamanho do Espírito Santo. É ataque feio em nome de mineradoras.

Ali, nessa Dinamarca, nesse Espírito Santo, nessa Suíça amazônica estão reservas gigantescas de ferro, de cobre, e muito, muito ouro. O golpe já estava com isso na algibeira desde sempre, e multinacionais foram avisadas meses antes do que ia ocorrer, que se preparassem para o botim, que não seria pequeno, como não será. A reserva foi criada sob a ditadura, em 1984. O golpe está indo além dos militares. O golpe está disposto a servir aos grandes grupos capitalistas numa proporção jamais vista no Brasil pós-República.

Não há quem ignore o potencial destrutivo da mineração. Sabe-se o que significará a entrada de grandes empresas mineradoras nessa reserva. Será uma devastação. No lugar da mata verdejante, exuberante, aquele exército de máquinas e de homens, de produtos químicos, explosivos, o que for necessário para extrair minérios para buscar o ouro cego ferro ou que seja, e logo depois o deserto. Não, não me digam apocalíptico. Apenas verdadeiro. Apocalipse now, já, com o golpe, eis o que está acontecendo, que ninguém se iluda. Pretende, tem consciência disso, acabar com a Amazônia. Hoje, a Renca. Amanhã, e mais cedo que se pensa, a Amazônia toda, que o golpe está se lixando para o meio-ambiente, para a mata, para a importância da região para o Brasil e para o mundo.

E por fim, e não menos importante, o golpe pretende eliminar as nações indígenas existentes na Renca, eliminação perseguida com disciplina desde que esses homens engravatados de luto preto chegaram ao poder. Entre as patas contra o desmonte do País, mais esta. Para tanto, derrotar o golpe. Resgatar a democracia.

Deputado: profissão auspiciosa

Helington Rangel

Professor universitário, economista, jornalista
helingtonr@gmail.com

Em 2018, no turbilhão do desemprego, milhares de brasileiros vão desligar-se da vida real e irão procurar abrigo no túnel da política, inclusive os puros produtos da elite nacional, justamente quando se pede emergência por novos rostos, pois a sociedade civil demonstra cansaço de uma casta, que manifesta ingenuidade, mas age com malícia.

A crítica da profissionalização da política é popular – e tão popular que pode abrir caminhos para o Palácio do Alvorada. A primeira vista, contudo, a passagem da vida pregressa não aparece nas estatísticas: conscientes do estigma, os profissionais da política evitam registro nas fichas biográficas da sua vida parlamentar.

Eles preferem transcrever outra atividade, mesmo de curta duração e tempos atrás. Rejeitam até o termo “carreira” em

favor de vocábulo mais neutro, como percurso de vida – ou até mencionam vocação, mistura de dever e paixão.

No entanto, profunda transformação das vias de acesso à política e aos canais de recrutamento marcou anteriores decênios. Os eleitos no último pleito têm mais experiência política que seus equivalentes de 1989, dando respaldo à tese de profissionalização.

Um indicador clássico para medir a forma de conhecimento abrangente do universo político dos grupos eleitos num passado mais ou menos distante e presente recente, é necessário contabilizar: se ocuparam cargo de assessor político, integrante do gabinete ministerial, membro permanente de partido ou colaborador de candidato escolhido em escala local.

A pequena distância do poder, as posições públicas oferecem o atalho de entrada na profissão ou permitem se manter nela, após fiasco eleitoral. Em 40 anos, segundo investigação acadêmica, mais que dobrou a proporção de antigos auxiliares entre deputados estadual ou fe-

deral. A passagem pelo cargo de assessor constitui poderoso acelerador de carreira para os pretendentes, já eximios conhecedores do jogo político. Antes mesmo de sua eleição, eles dominam saberes da profissão: falar em público, conhecer o procedimento parlamentar e mistérios do ambiente.

No livro “O homem e a sociedade – uma introdução à sociologia”, a professora Maria Benedita Della Torre explica o conceito de isolamento social: a baixa comunicação entre indivíduos ou grupos, determinando distanciamento gregário entre eles. Entre os mecanismos que reforçam o isolamento concernente a uma comunidade, o sociólogo húngaro Karl Mannheim, por sua vez, aponta a desconfiança.

A disposição atual de espírito da sociedade a não confiar no parlamento, certamente em torno da busca de ser ou continuar deputado ficará um exército político de reserva, que obrigará os aspirantes a se inserirem numa gigantesca fila de espera a futuros sufrágios.